

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CITÂNIA DE BRITEIROS. ALGUNS ASPECTOS ETNOGRÁFICOS E SOCIAIS DA NOSSA PROTO-HISTÓRIA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1939 | Número: 49

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Citânia de Briteiros. Alguns aspectos etnográficos e sociais da nossa Proto-História. *Revista de Guimarães*, 49 (1-2) Jan.-Jun. 1939, p. 15-29.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Citânia de Briteiros

Alguns aspectos etnográficos e sociais da nossa Proto-história

(Cont. do vol. XLVIII, pág. 236)

(¹¹) Fases denominadas de Bühl (novo avanço das geleiras após o würmiense), Gschnitz (retrocesso) e Daun (retrocesso definitivo até ao limite actual das neves perpétuas). A origem dos períodos glaciários é ainda hoje desconhecida. Uns atribuem-nos a causas cósmicas, outros a causas telúricas, tais como o deslocamento dos polos, variações atmosféricas, alterações orográficas, etc. Vidè Conde de la Vega del Sella, *Teoria del glaciario por desplazamientos polares*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1927, p. 31.

(¹²) *Moreias* são acumulações de areia, lódo e principalmente de pedras, resultantes da erosão das rochas, que as geleiras na sua marcha de escorregamento arrastam consigo e depositam à margem do seu curso e no seu terminus. O *loess* (palavra alemã) é uma formação de origem eólica característica da época quaternária, principalmente dos períodos glaciários, constituída por extensos e espessos depósitos ou camadas de limo e pó finíssimo que se supõe ser o produto da decomposição e trituração das moreias pelos agentes naturais. Encontra-se no sul da Inglaterra, França, Bélgica, Europa central e oriental e bem assim na Ásia, principalmente na China (vidè H. Obermaier, *Las formaciones de loess en Europa y su importancia para la cronologia del hombre fósil*, in «Investigación y Progreso», Año IX, Madrid, 1935; do mesmo A., «El hombre fósil», Madrid, 1925, p. 33).

(¹³) Sobre a arte rupestre peninsular (gravuras e pinturas) existe uma extensa bibliografia. Veja-se: J. Cabré, «El arte rupestre en España», Madrid, 1916, e «Arte rupestre gallego y portugués», Lisboa, 1916; H. Breuil, «Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique», 4 vols., Edit. de la Fondation Singer-Polignac, Impr. de Lagny, Paris, 1933-35; R. Sobriño Buhigas, «Corpus petroglyphorum Gallaeciae», Compostela, 1935. Para o estudo das flagrantes afinidades da arte rupestre peninsular e irlandesa é fundamental a leitura do trabalho de H. Breuil, in «Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia», vol. VII, 1934, p. 289

e ss., bem como o capítulo *Megalith Art*, no erudito estudo de Adolf Mahr, Director do Museu Nacional da Irlanda (Dublin), *New aspects and problems in irish Prehistory*, in «Proceedings of the Prehistoric Society», n.º 11 (Julho-Dezembro de 1937), pág. 354. Vidê também Péquart e Le Rouzic, «Corpus des signes gravés des monuments mégalithiques du Morbihan», Paris, 1927. Pelo que respeita a Portugal, é indispensável a consulta dos numerosos trabalhos de Mendes Correia, Serpa Pinto, Santos Júnior, J. Fontes, Amorim Girão, Pedro Vitorino, A. Souto, José de Pinho, etc., que nos dispensamos de mencionar.

(¹¹) L. Joleaud, *Essai d'interprétation de l'art rupestre pré-historique*, in «Compte-Rendu du XV^e Congrès I. A. A. P. — Portugal, 1930», Paris, 1931, p. 371.

(¹⁵) As habitações lacustres remontam ao Neolítico, pôsto que na época do Bronze se construísem também. Eram casas feitas de troncos, assentes em estacaria (daqui o nome italiano de *palafitti*, que significa pilares ou estacas), sôbre a água, a pequena distância das margens dos lagos piscosos da Suíça, da Sabóia e do Jura. As casas eram ligadas entre si e com a terra por meio de pontes ou passadiços igualmente de madeira. Como o nível daqueles lagos não foi constante no decorrer das idades pre-históricas, suscitou-se a dúvida se as *palafitas* seriam estações propriamente lacustres, ou simplesmente *litorais*. Em Portugal, junto à costa marítima, ainda hoje se verifica, em alguns pontos, a construção, sôbre estacas, de cabanas de pescadores (vidê Rocha Peixoto, *Os palheiros do litoral*, in «Portugalia», Pôrto, 1899-903, vol. I, p. 79; J. L. de Vasconcelos, «História do Museu Etnológico Português», Lisboa, 1915, p. 57).

(¹⁶) As primeiras manifestações da religiosidade humana, temos de assinalá-las na mais remota antiguidade. As pinturas madalenenses outra coisa não são do que a expressão de um sentimento espiritual, na essência religioso. As sepulturas mustierenses, por exemplo as de La Chapelle-aux-Saints, de La Ferrassie, etc., testemunham também os cuidados especiais que os mortos já mereciam aos vivos, e portanto um verdadeiro culto funerário e a crença numa outra vida para além da morte. (Vid. H. Obermaier, «El hombre fósil», Madrid, 1925, 2.^a ed., p. 107).

(¹⁷) *Antas*, *arcas* ou *dolmens* (ou, segundo Loth, *tolvens*, com mais propriedade, pois a palavra deriva do bretão arcaico *tol* — mesa, e *ven* — pedra), são monumentos pre-históricos muito vulgares no nosso País (supõe-se que os primeiros dolmens portugueses datam do neolítico final ou começos do eneolítico), de carácter funerário, constituídos, no seu tipo clássico, por uma construção aproximadamente circular (*câmara*), de grandes pedras postas de cutelo, sôbre as quais assenta horizontalmente, servindo de cobertura, uma outra lájea — a *mesa* ou *tampa*. Esta edificação era geralmente coberta de terra, formando o conjunto um montículo (*tumulus*), a que o povo chama hoje *mamoá*. O acesso à câmara subterrânea fazia-se por vezes através de um *corredor*, mais ou menos extenso, revestido também, lateral e superiormente,

de pedras, que formavam as paredes e o teto. Em geral os despojos dolmênicos são constituídos por instrumentos líticos, pontas de seta e machados, pequenas placas de xisto, geralmente de forma trapezoidal e com gravuras numa das faces (*ídolos-placas*), restos de cerâmica, etc. Mas também a exploração de alguns tem dado instrumentos de cobre e bronze, o que prova que tais monumentos foram usados até uma época avançada da idade dos metais. Uma das antas mais bem conservadas do norte do país, é a de Gontinhães ou da Barrosa, junto à praia de Ancora.

Os dolmens, que se distribuem principalmente pelas zonas costeiras, existem no Japão, China, Índia, Pérsia, Síria, Cáucaso, Crimeia, Bulgária, Norte de África, Portugal, Espanha, França, Alemanha setentrional, Holanda, Inglaterra e Escandinávia. Afirmavam alguns AA. que a rota determinada pela sucessão destes países indicaria o movimento migratório de um povo que, partindo do Oriente, foi o portador de uma nova civilização. Esta tese está hoje abandonada. Outros querem que os dolmens, representando a origem da arquitectura monumental, marquem uma fase ou momento cultural, comum a várias raças e povos. Devido aos trabalhos de vários cientistas, entre os quais Bosch Gimpera, Obermaier, Breuil e Wilke, é ponto assente que a cultura megalítica da Europa ocidental teve sua génese no ocidente da Península, na faixa atlântica que hoje ocupa Portugal. Diz Mendes Correia: "Falou-se mesmo num império megalítico atlântico, com o seu foco de irradiação no noroeste peninsular, e que abrangia a Bretanha, a Irlanda e outras regiões. Fortes organizações colectivas, costumes e cultos próprios, consagrações de chefes e acontecimentos, possivelmente mesmo certas invenções (como porventura a do alfabeto, cuja origem oriental é um arreigado preconceito erudito), se infeririam de vários documentos arqueológicos, justificando a crença na realidade desse império pre-histórico, cujo foco de irradiação e expansão teria sido na região galaico-portuguesa." (*Raízes de Portugal*, ed. de «O Ocidente», Lisboa, 1938, p. 53).

Demonstradas estão também as estreitas relações culturais, no Eneolítico e começos do Bronze, entre o Ocidente da Ibéria e a Bretanha e Irlanda (vidê Bosch Gimpera, *Las relaciones de los pueblos atlánticos y la Península Iberica en el eneolítico y en la Edad del Bronce*, in «Investigacion y Progreso», Madrid, 1927, p. 49; do mesmo A., *Relaciones prehistoricas de Irlanda com el Occidente de la Península Iberica*, in «Miscelânea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos», vol. 1, Coimbra, 1934, p. 44 e ss.). Estas afinidades culturais persistiam ainda em data menos remota, já no período céltico ou posthallstático (vidê, por exemplo, Raleigh Radford, *The culture of Southwestern Britain in the Early Iron Age*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, p. 320; E. Thurlow Leeds, «Excavations at Chun Castle, in Penwith, Cornwall», Oxford, 1927; O'Neill Hencken, «The Archaeology of Cornwall», 1933).

Outros megalitos, da época dos dolmens, são os *menhirs*, blocos postos ao alto, como foscas marcas, ou colunas; os *cromlechs*, ou círculos líticos; os *alinhamentos* de grandes callhaus (veja A. Baschmakoff, *L'Alignement mégalithique et l'invariabilité de son orientation solaire*, in «Compte-rendu do XV Congresso

I. A. A. P., Paris, 1931, p. 441); os penedos *cavalgados*, ou *balouçantes*; etc.

As *antelas* ou *cistas* eram pequenas sepulturas quadrangulares, de pedra; e as *galerias cobertas* monumentos semelhantes aos dolmens em que o corredor e a câmara se confundiam.

(⁴⁸) Vidè P. Wernert, *La antropofagia ritual y la caza de cabezas en las épocas actual y paleolítica*, in «Investigacion y Progreso», 1936, p. 47; L. Wasilewski, *Le but de la trépanation chirurgical néolithique*, in «Compte-rendu do XV Congresso I. A. A. P.», Portugal, 1930, p. 180; M. Barbosa Sueiro, *La trépanation cranienne chez l'homme néolithique des stations portugaises*, in «Com. dos serviços geológicos de Portugal», t. XIX, Lisboa, 1933, p. 41 e ss.

(⁴⁹) P. Saintyves, *Amulettes et talismans*, in «Rev. Anthropologique», 1930, p. 77 e ss.

(⁵⁰) J. Friesen, *El arado prehistorico en Europa Central*, in «Investigacion y Progreso», 1930, p. 125; José de Pinho, *Sur des graines trouvées dans la station énéolithique de Pepim — Amarante*, in «Compte-rendu do XV Congresso I. A. A. P.», Portugal, 1930, p. 356.

(⁵¹) A descoberta da utilização dos metais veio do Oriente, onde o uso dos instrumentos metálicos é muito mais antigo que no ocidente da Europa, o que não quer dizer que em muitos países, entre os quais a Península Ibérica, por exemplo, se não praticasse a metalurgia do bronze desde remota data. Admite-se até que o conhecimento do cobre fôsse difundido pelo Ocidente, no final do Neolítico, pelas gentes de origem saariana da cultura de Almeria, que foram os antepassados dos iberos (no sentido restrito).

(⁵²) O uso do ferro, como o do bronze, veio igualmente do Oriente. No ano 1300-1200 a. C. já o ferro era trabalhado no círculo da bacia oriental do Mediterrâneo. Os celtas tornaram-se os mestres da nova metalurgia.

(⁵³) Como trabalho de síntese da evolução da cultura humana é notável o estudo de Bolko Freiherr von Richthofen, «Vorgeschichte der Menschheit».

(⁵⁴) Veja D. Peyrony, *Paléolithiques supérieurs européen et africain — Rapports entre eux*, in «Rev. Anthropol.», 1932, p. 126; Perez de Barradas, *Relaciones entre el arte rupestre del Levante de España y del Sur de Africa*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1935, p. 54. Relativamente à Península Ibérica, é fundamental a leitura da obra de Hugo Obermaier, «El hombre fósil», Madrid, 1925 (2.^a ed.). Nela se encontra uma bibliografia suficientemente extensa, que nos dispensamos de reproduzir aqui.

(⁵⁵) H. Vallois, *Les ossements mésolithiques de Mugem*, in «L'Anthropologie», Paris, 1930, t. XL. Pode ver-se num trabalho recente do Sr. Prof. Mendes Correia a síntese das suas réplicas às contestações que lhe foram feitas a propósito das afinidades negrói-

des do homem de Muge (*A propósito do "Homo Taganus."*, *Africanos em Portugal*, sep. do «Bol. da Junta Geral do Distrito de Santarém», n.º 43 de 1936, p. 18-21 da sep., Lisboa, 1937).

⁽⁵⁶⁾ Sôbre o homem fóssil em Portugal, consultem-se os trabalhos de Mendes Correia, «Homo», Coimbra, 1926 (2.ª ed.), e «Os povos primitivos da Lusitânia», Pôrto, 1924, p. 143 e ss.; *Essai sur l'ethnologie pre-romaine du Portugal*, in «Revue Anthropologique», Paris, 1925, t. XXXV, p. 4 da sep. Vejam-se também, do mesmo A., as magníficas sínteses que nos apresentam o estudo do *Homo Taganus* em confronto com as raças do paleolítico superior europeu: «A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle», Pôrto, 1933 (Publicação do Instituto de Antropologia da Univ. do Pôrto), e *Les migrations préhistoriques, Le témoignage spécial de la Péninsule Ibérique*, in «Revue Anthropologique», Paris, 1933, p. 267. Vidè ainda G. Hervé, *De l'existence d'un type humain à caracteres vraisemblablement négroïdes, dans les dépôts coquilliers mésolithiques de la vallée du Tage*, in «Rev. Anthropologique», 1930, p. 325 e ss.

Consultem-se igualmente, sôbre a nossa paleantropologia, os trabalhos de Joaquim Fontes, Paula e Oliveira, Fonseca Cardoso, Costa Ferreira, Barros e Cunha, A. Athayde, A. Themido, Luis de Pina, etc. Na parte bibliográfica ver o utilíssimo trabalho de Afonso do Paço, «Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal», Lisboa, 1935.

Pelo que se refere à cultura paleolítica na região dos castros do tipo Citânia e Sabroso, vejam-se os estudos de Julian Lopez Garcia, *Ligeras consideraciones sobre el problema del paleolítico y otras culturas en el Bajo Miño (La Guardia)*, e de Afonso do Paço, *O paleolítico do Minho*, e *Note sur les industries paléolithiques et mésolithiques de la province de Minho (Portugal)*, in «Comptendu do XV Congresso I. A. A. P.», Portugal, 1930, p. 295 e 302, e Paris, 1931, p. 421. E ainda outros trabalhos similares de Eugénio Jalhay, Abel Viana, etc.

⁽⁵⁷⁾ Vidè Bosch Gimpera, *Los antiguos iberos y su origen*, Conferência no «Centro de Intercâmbio Intelectual Germano-Espanhol», Madrid, 1928; E. Philippon, «Les Ibères», Paris, 1909.

⁽⁵⁸⁾ A designação de *Ibéria* já no séc. VI a. C. vem mencionada no Périplo de Avieno (vidè «Avieni Ora Maritima», v. 253). Parece que os focenses, que se estabeleceram em Massalia (= Marselha), chamavam *Ophiussa* à Península Ibérica (Idem, v. 148).

O nome de *Hispania*, que aparece pela primeira vez nas fontes romanas referentes à segunda guerra púnica (Tito Lívio, etc.), apresenta, portanto, testemunhos muito mais modernos do que os nomes anteriormente citados. Todavia, o Prof. Schulten é de parecer que esta última designação é a de origem mais antiga, pois data talvez do estabelecimento dos fenícios na Península, por volta do ano 1100 a. C. (A. Schulten, *Der Name Spanien*, in «Forschungen und Fortschritte», Berlim, 1934, N.º 5, p. 57; vidè também sôbre este assunto a «Historia crítica de España e de la cultura española», de J. F. de Masdeu, t.º XVIII (suplementos), Madrid, 1797, p. 107 e ss.).

(59) Vidè L. de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», vol. II, p. 52; êste A., na sua «Etnogr. Port.», Lisboa, II (1936), p. 358, nota 1, já dá a estes nomes origem *ibérica* (vid. Hübner, «Mon. Ling. Iber.», Berlim, 1893, p. CIII). Para Schulten são nomes libio-ibéricos. Mendes Correia atribue à palavra Olisipo origem grega, o que L. de Vasconcelos e Schulten contestam (vidè M. Correia, *A Atlântida e as origens de Lisboa*, in «Da Biologia à História», Pôrto, 1934, p. 147 e ss.).

(60) A. Schulten, *Die Etrusker in Spanien*, Sep. de «Klio», Leipzig, 1930.

(61) Vidè também: Bosch Gimpera, *Las relaciones mediterraneas post-micénicas y el problema etrusco*, in «Investigación y Progreso», ano III, 1929, n.º 6; L. Pericot Garcia, *El problema de la colonización etrusca*, in «Historia de España», ed. Gallach, Barcelona, 1934, t. I, p. 281 e 361; A. Garcia Bellido, *Relaciones entre el arte etrusco y el ibero*, in «Archivo Español de Arte y Arqueología», 1931.

(62) Vidè Bosch Gimpera, «Etnologia de la Península Ibérica», Barcelona, 1932, p. 631-34. Veja-se, relativamente a Portugal, o artigo do Prof. Mendes Correia, *O problema ligure em Portugal*, in «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Pôrto, 1934, vol. VI, p. 246.

(63) Vidè Rhys Carpenter, «The grecks in Spain», Bryn Mawr, 1925; António Garcia y Bellido, *Las relaciones entre la Península Iberica y el mundo clásico griego, vistas a través de los hallazgos de monedas griegas acaecidas en España*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1935, p. 346.

(64) A bibliografia sôbre os Celtas e problemas relacionados com suas emigrações é inexaurível. Limitaino-nos por isso a citar alguns dos trabalhos mais recentes e importantes, relativos à sua invasão da Península Ibérica: Bosch Gimpera, «Etnologia de la Peninsula Ibérica», Barcelona, 1932; do mesmo A., *Los celtas en Portugal y sus caminos*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933, p. 54; Idem, *Una primera invasión céltica en España, hacia 900 a. J. C., comprobada por la arqueología*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1933, p. 345. Na mesma revista, ano de 1935, p. 180 — M. Almagro, *El problema de la invasión céltica en España, segun los últimos descubrimientos*. Como obra de conjunto, é fundamental a de H. Hubert, «Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de la Tène» e «Les celtes depuis l'époque de La Tène et la civilisation celtique», Paris, 1932, 2 vols.

(65) A terminação —*briga*, significa “altura”, “castelo”, palavra que se encontra no irlandês arcaico, e outras línguas célticas; —*dunum*, ou —*dunon*, que significa “oppidum”, “arx”, é igualmente palavra que se encontra no irlandês (vidè L. de Vasconcelos, «Rel. da Lusitânia», vol. II (1905), p. 59 - nota 2, e 66, e «Etnogr. Portuguesa», Lisboa, II (1936), p. 358). O arqueólogo espanhol

Fernandez Guerra era de opinião que o elemento —*briga* significava “ponte,, (vidê «Revista Archeologica», Lisboa, 1888, vol. II, p. 89-90).

(66) Vidê L. de Vasconcelos, «Relig. da Lusitania», II, p. 67.

(67) Vidê art. cit., de Bosch Gimpera, *Los celtas en Portugal y sus caminos*, in «Homenagem a M. S.», p. 63.

(68) Supõe-se que Éphoro, autor que viveu no séc. IV a. C., incluiu na sua Geografia um vèlho periplo do séc. VI, parece que elaborado por um grego de Massilia (= Marselha), no qual interpolou elementos tirados de outros geógrafos. A Geografia de Éphoro, versificada em grego por alturas do séc. I a. C., é, por sua vez, vertida para latim por R. F. Avieno, no séc. IV da nossa era, no poema conhecido pelo nome de *Ora Maritima*. A interpretação e comentário dêste poema tem sido objecto de estudo de numerosos investigadores, entre os quais Müllenhof, Sarmiento, Schulten, Bosch-Gimpera, etc. A sua importância é transcendente para o conhecimento das mais antigas fontes da geografia da Península ibérica.

(69) v. 155 — locos et arva Oestrymnicis habitantibus
post multa serpens effugavit incolas
vacuamque glaebam nominis fecit sui.

(«Ora Maritima», Edição crítica de A. Schulten e Bosch Gimpera, Barcelona, 1922, p. 58).

(70) O nome *sefes*, introduzido no «Ora Maritima», seria já uma deturpação, no texto latino, do grego *sepes*, “serpente,,. De modo que os invasores teriam, na lingua própria, um nome significando *serpente*, que o autor do Periplo traduziu, dando-nos, em vez dêle, o seu equivalente grego. (Vidê Mendes Correia, *Le serpent totem dans la Lusitanie proto-historique*, sep. do tómo XV dos «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», 1928; F. Cuevillas e Bouza-Brey, «Os Oestrímnios, os Saefes e a Ofiolatria em Galiza», Compostela, 1929).

(71) O nome de *Oestrymnis* aparece no Périplo (v. 91 e 154) tanto aplicado à Hispânia como à Gália setentrional (Armórica), hoje a região da Bretanha. Schulten explica êste facto pela razão de que os Oestrímnios, de origem ligúrica para o sábio alemão, ter-se-iam estabelecido primeiro na Espanha, e daí passariam à Gália, expulsos da Península sob a pressão dos invasores celtas (os *sefes*). O mesmo comentador do Poema de Avieno localiza o *Sinus oestrymnicus* (v. 95) na Bretanha, junto de Brest e Douarnenez, e as *Insulae oestrymnides* (v. 96) seriam constituídas pelo grupo de ilhotas entre as duas ilhas de Sein e Ouessant.

As célebres *Cassitérides*, ou ilhas do estanho (do grego *kassiteros*, estanho), de que nos fala Heródoto (3, 115) foram localizadas por Schulten na costa de Pontevedra (vidê «Hispânia», Barcelona, 1925, p. 42 e 74). Posteriormente, inclinou-se êste autor para as supor constituídas por aquele grupo de ilhotas bretãs acima citado, nas quais, segundo Siret («L'Anthrop.», 1910, p. 142), ainda

actualmente existe o estanho; ou então pelas ilhas britânicas Sorlingas, ou Schilly, que lhe ficam fronteiras, no prolongamento da península de Cornwall.

Com as ilhas Oestrímnides, ou Cassitérides, faziam os fenícios e tartéssios, desde remota data, o comércio de estanho, relações que teriam estabelecido o contacto dos povos do norte e ocidente da Península hispânica com os do sul da Inglaterra e Irlanda. (Veja-se R. de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal*, in «Anais da Fac. de Ciências do Pôrto», vol. XVIII, 1933).

(⁷²) Vidê F. Cuevillas e R. de Serpa Pinto, *Estudos encol da Edad do Ferro no Noroeste da Península — As tribus e a sua constituição política*, in «Arquivos do Seminário de Est. Galegos», vol. VI, 1933-34, p. 271 e ss.; A. Fernández-Guerra, *Las diez ciudades bracarense nombradas en la inscripcion de Chaves*, in «Revista Archeologica e Historica», Lisboa, 1888, vol. II, p. 81 e ss.; F. L. Cuevillas, *A área xeografica da cultura norte dos castros*, in «Hom. a M. Sarmiento», Guimarães, 1933, p. 99; Gomez Moreno, *Sobre Arqueologia primitiva en la region del Duero*, in «Bol. de la Real Acad. de la Hist.», Madrid, 1904, vol. 45, p. 147 e ss.

As notícias dos AA. antigos sôbre a localização dêstes povos são por vezes discordantes. Os textos de Estrabão, Pompónio Mela, Plínio, Ptolemeu, etc. referem-se de um modo impreciso, e sem menção de limites bem definidos, ao território dessas tribus secundárias. Não é possível, portanto, fixar com precisão absoluta a qual dêsses agrupamentos pertenceria a população da Citânia de Briteiros.

Sôbre o território dos *gróvios*, deve consultar-se L. de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», II, p. 74, 77 e 324, e III, p. 611; e ainda «O Arch. Português», X, p. 287, XI, p. 202 e XIV, p. 131. Sôbre os *leúnos* e *seúrros* vidê «O Arch. Port.», XXIX, p. 157.

(⁷³) Pela importância histórica dos *lusitanos*, ficaram êles designando a totalidade das diversas tribus que povoavam o território. Sôbre a debatida questão de os *lusitanos* fazerem o seu aparecimento na história pelo séc. III a. C., como soldados do exército de Anibal, após a destruição de Sagunto (219 a. C.), ou serem já mencionados no Périplo de Avieno (séc. VI a. C.), vejam-se: Mendes Correia, «Os povos primitivos da Lusitânia», Pôrto, 1924, p. 86; *A Lusitânia pre-romana*, in «História de Portugal», Barcelos, 1928, vol. I, p. 162, 163, e *O problema ligure em Portugal*, cit. em nota 62; do mesmo A., *Valencianos e Portugueses*, in «Homenagem a M. S.», Guimarães, 1933, p. 252; P. Bosch Gimpera, *Los celtas en Portugal e sus caminos*, in «Hom. a M. S.», cit., p. 61 - nota 1; Schulten, Análise crítica da *Homenagem a M. S.*, in «Rev. de Guimarães», Guimarães, 1934, vol. 34, p. 256.

(⁷⁴) Alexandre Herculano, «História de Portugal», 8.^a edição, dirigida por David Lopes, Lisboa, tómo I, p. 97.

Referindo-se a modernos autores que, seguindo ainda hoje a tese insustentável de Herculano, negam o papel dos Lusitanos na ascendência portuguesa, diz Mendes Correia: «Uns punhados de legionários e colonos romanos, umas hordas de bárbaros do norte e de sarracenos, alguns aventureiros de além-Pireneus, teriam,

segundo êsses autores, vindo substituir, por um tão heteróclito mosaico étnico, a massa homogénea lusitana, e dado tardiamente origem, pelo mais surpreendente fenómeno, à unidade nacional portuguesa! ¿Pois não seria mais lógico, mil vezes mais lógico, admitir que essas ondas invasoras ou migratórias nunca teriam sido tão numerosas e destrutoras que o fundo indígena desaparecesse, antes a relativa unidade dêste ficasse garantindo a unidade futura?», (Mendes Correia, *Raizes de Portugal*, ed. de «O Ocidente», Lisboa, 1938, p. 56).

(75) Não há, evidentemente, uma correspondência perfeita, através dos tempos, entre o território de Portugal e o da velha Lusitânia. Os limites da Lusitânia variaram muito, como variaram mais tarde os do Portugal da Reconquista. Segundo Estrabão, a Lusitânia estava confinada entre o Tejo e a costa norte da Galiza, sendo pelo oriente limitada pelo território dos carpetanos, vetões, vacceus e calaicos, muito além dos limites actuais de Portugal (vidê Domingos Leite de Castro, *Historia da Lusitania segundo Strabão*, in «Rev. de Guimarães», vol. VI, p. 158). Para Mela, a Lusitânia chegaria, pelo sul, até ao Guadiana. Finalmente para Plínio, o território a norte do Douro estava excluído da Lusitânia.

Aludindo à discordância notada por Herculano entre as fronteiras do Portugal de hoje e as da antiga Lusitânia, diz M. Correia: «Não é indispensável, para se admitirem relações entre factos dessa natureza, que a sobreposição de contornos seja perfeita. Basta que as duas áreas coincidam em grande parte. A preocupação da identidade linear das respectivas periferias é duma rigidez geométrica que exclui a possibilidade de zonas de transição, de influências modificadoras marginais, etc. Não é o invólucro que interessa, mas o conteúdo.» (M. Correia, *Raizes de Portugal*, edição de «O Ocidente», Lisboa, 1938, p. 21).

(76) Os elementos fundamentais, e de vária espécie, para o estudo dos nossos castros (além do admirável esforço de Martins Sarmiento, que foi um verdadeiro precursor nesta ordem de estudos), encontram-se condensados principalmente nesse magnífico e vasto registo das antiguidades nacionais que se chama «O Arqueólogo Português», e se deve principalmente ao infatigável labor do sábio erudito Leite de Vasconcelos. Os dois excelentes volumes da «Portugalia», Pôrto, 1899-1908, contêm igualmente importante e extensa matéria. Para o estudo comparativo da cultura castreja do norte de Portugal e da Galiza é indispensável passar em revista as investigações e estudos promovidos pelo Seminário de Estudos Galegos, de Santiago de Compostela (vidê in «Arquivos» publicados por esta Instituição Cultural, F. Cuevillas e Bouza Brey, «Os Oestrímnios, os Saefes e a Offiolatria en Galiza», vol. II, 1929, p. 27 e ss.; e F. Cuevillas e Serpa Pinto, «Estudos sobre a idade do ferro no noroeste da península», vol. VI, 1934, p. 215, 261 e 295. Veja-se também de F. Cuevillas, *Características e problemas da cultura norte dos castros*, in «XIV Congreso da Ass. Esp. para el Progreso de las Ciencias» (Compostela, 1934), Madrid, 1935.

(77) Estrabão refere-se à diversidade de línguas dos hispanos, e diz que os turdetanos (túrdulos ou tartéssios), na costa sul, os

mais cultos de todos, se ufanavam de possuir anais, poemas e leis escritas em forma métrica, cuja antiguidade remontava a mais de seis mil anos.

Os caracteres das inscrições ibéricas apresentam analogias com a grafia fenícia e outros alfabetos orientais. Porém, tais inscrições estão ainda por decifrar. Sobre este problema vejam-se: E. Hübnér, «*Monumenta linguae ibericae*», Berlim, 1893; A. Schulten, «*Hispania*», Barcelona, 1920, p. 100; M. Gomez Moreno, *Sobre los Iberos y su lengua*, in «*Homenage a Menendez Pidal*», tomo III, 1925, p. 475; e alguns trabalhos do Prof. Mendes Correia, tais como — *A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste da Península*, discurso inaugural do Congresso de Barcelona (Ass. Esp. para el Progreso de las Ciencias), 1929; *Sur une inscription proto-ibérique d'Alvão*, in «*Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.*», Pôrto, 1928, vol. III, fasc. IV; nesta mesma Revista, *Uma leitura das inscrições ibéricas*; *Les inscriptions de Parada, Alvão et Lerilla*, in «*Compte-rendu do XV Congresso I. A. A. P.*» (1931), Paris, 1933; etc.

⁽⁷⁸⁾ Mendes Correia, «*Os povos primitivos da Lusitânia*», Pôrto, 1924, p. 315. Num trabalho posterior diz o Sr. Prof. M. Correia: «*Difícilmente perscrutáveis, mesmo quasi sempre misteriosas, são essas forças milenárias da terra e do germen. Mas a história não é feita apenas de episódios, de exterioridades mais ou menos aparatosas, de explosões bruscas. São energias latentes, arreadas, estruturais, as que governam poderosa e duradouramente o homem e as nações.*»

⁽⁷⁹⁾ Junto às muralhas da Conímbriga romana encontraram-se, em sepulturas de pedra, dois esqueletos, aos quais foi atribuída a antiguidade de 1600 a 2000 anos. Tendo cuidadosamente estudado esses restos ósseos, os antropologistas Barros e Cunha e A. Themido chegaram à conclusão de que pertenciam a indivíduos cujos caracteres antropológicos em nada diferiam dos da população portuguesa actual. Este resultado se bem que por ser isolado não tenha um valor provativo absoluto, é todavia de uma importância transcendente para a demonstração científica irrefutável, que possivelmente um dia se fará, da individualidade étnica dos portugueses. (Vidè, Barros e Cunha e A. Themido, *Les squelettes de Condeixa*, in «*Compte-rendu do XV Congresso I. A. A. P.*», Portugal, 1930, p. 206).

Na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal, também da 2.^a Idade do Ferro, explorada por Vergílio Correia, apareceram alguns fragmentos de ossos humanos, que foram estudados pelo Prof. Mendes Correia (Vergílio Correia, «*Escavações realizadas na Necrópole pre-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*», Coimbra, 1928, p. 6; e Mendes Correia, *Contribuição para a Antropologia da Idade do Ferro em Portugal*, in «*Trabalhos da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnol.*», Pôrto, 1931, vol. V, fasc. I, p. 61 e ss.).

⁽⁸⁰⁾ As necrópoles encontravam-se, em geral, longe dos castros. A de Santa Olaya, estação das vizinhanças da Figueira, ficava a 600 metros do povoado (vidè «*Portugalia*», Pôrto, vol. II, p. 355-56).

(81) Vejam-se os nossos trabalhos sôbre este monumento. Neles damos uma extensa bibliografia. Mas leiam-se especialmente: «A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa», estudo patrocinado pela Junta de Educação Nacional, Guimarães, 1931; e *A Pedra Formosa da Citânia de Briteiros e a sua interpretação arqueológica*, in «*Bro-téria*», Lisboa, 1934, vol. XVIII, fasc. 3.

(82) A mais bela reconstituição histórica da vida de Viriato, devemos-la ao Prof. Adolfo Schulten, catedrático da Universidade de Erlangen (Alemanha). Foi vertida para português pelo Sr. Dr. Alfredo Ataíde, da Universidade do Pôrto (A. Schulten, «*Viriato*», Pôrto, 1927). O nome *Viriato* deriva da palavra céltica «*viria*», que significa pulseira, bracelete. Corresponde portanto ao nome romano *Torcato* (*torquere*, torcer, deu *torques* ou *torquis*, que eram colares constantes de um fio metálico torcido, ou de mais que um, formando corda). Braceletes e colares usavam os guerreiros lusitanos, como se verifica em curiosas estátuas primitivas, duas das quais se encontram no Museu da Soc. Martius Sarmiento. Estas estátuas são importantíssimas para o estudo da indumentária militar dos lusitanos. O Prof. Leite de Vasconcelos dá sôbre elas uma extensa bibliografia (vidê «*Religiões da Lusitânia*», vol. III, p. 44 e ss.). Aos antigos adornos usados pelas populações castrejas refere-se o nosso estudo «*Jóias arcaicas encontradas em Portugal*», Corunha, 1930, e o artigo do Dr. Manuel Heleno, *Jóias prè-romanas*, in *Rev. «Ethnos»*, Lisboa, 1935, vol. I, p. 229 e ss. Sôbre a joalheria primitiva hispânica existe já uma larga bibliografia; mas, pelo que respeita ao NO da Península, é indispensável ler os trabalhos espanhóis de F. Cuevillas, Bouza-Brey e outros autores citados nos artigos supra.

(83) Vidê Valério Máximo, «*Factorum dictorumque memorabilium*», L. VI, cap. 4, § 1^a (Ab ext.). Cinânia é uma deturpação de *Cingínia*, e, pela semelhança daquele nome com *Citânia*, alguns dos nossos autores do séc. XVI quiseram atribuir a esta última, a de Briteiros, as decantadas façanhas daquela não localizada Cingínia (vidê *Cinânia e Citânia*, in «*Rev. de Guimarães*», Guimarães, 1927, vol. 37, p. 24).

(84) J. Leite de Vasconcelos, «*Religiões da Lusitânia*», Lisboa, vol. III (1913), p. 130.

(85) Sôbre as incursões das tribus de lusitanos, calaicos, etc., no território de outras tribus, vidê Schulten, «*Hispania*», Barcelona, 1920, p. 88. Na sua vigorosa biografia de Viriato, diz-nos o mesmo autor, referindo-se aos costumes dos Lusitanos do tempo do caudilho, descritos em Strabão: «Os autores dos latrocínios eram naturalmente os habitantes das montanhas. Como tinham uma terra má e eram pobres, cobiçavam as terras melhores, que eram dos outros. Estes defendiam-se, mas depois acabavam por abandonar também a terra para se tornarem igualmente salteadores...» (Schulten, «*Viriato*», versão port. de A. Ataíde, Pôrto, 1927, p. 26). Conhecemos por Strabão («*Geogr.*», III, III, 5) que os Romanos puseram termo a este estado de coisas, obrigando os montanhese

a descer à planície e a estabelecer-se em povoados abertos. Em tais circunstâncias, os conquistadores derrubariam sistematicamente os valos e arrasariam os fossos, privando assim do seu valor defensivo esses núcleos de resistência.

(86) A ausência quasi absoluta de armas entre os objectos aparecidos nas escavações dos castros e a dificuldade em reconstituir inteiramente qualquer vasilha com os fragmentos cerâmicos encontrados, por falta da sua totalidade, parece uma prova evidente da evacuação pacífica desses lugares, que os habitantes abandonariam tranqüilamente, levando consigo tudo quanto lhes era necessário ou de valia, e desprezando apenas os despojos inúteis. (Vidê «O Arqueólogo Português», vol. I, p. 170, nota 2).

(87) A propósito da interpretação da palavra *civitas*, vidê Leite de Vasconcelos, «Rel. da Lus.», vol. II, p. 76, e vol. III, p. 169; o nosso artigo na «Rev. de Guimarães», vol. 38, p. 21 e ss., «*Citânia*», *Um problema de etimologia*, bem como o estudo do Sr. Prof. Mendes Correia sobre *A antiguidade do Porto*, p. 23-25 da Sep. do II vol. dos «Trabalhos da Ass. dos Arq. Port.», Lisboa, 1936.

(88) Os estudos mais completos sobre a história e a epopeia de Numância, devem-se ao iberólogo alemão Dr. Adolfo Schulten: vidê «Numantia», Berlim, 1905; «Numantia», vol. I-IV, Munich, 1914-31; *Numancia*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1930, p. 102. Vejam-se também: *Excavaciones de Numancia*, Memoria de la Comisión ejecutiva, Madrid, 1912; as *Memorias N.ºs 31, 36, 61 e 74* da «Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades», Madrid, por J. R. Mélida, Taracena Aguirre, Aníbal Alvarez, Gómez Santa Cruz e Gonzalez Simancas; e o «Guia del Museo Numantino», por Taracena Aguirre (Madrid, 1923).

(89) Juan Cabré Aguiló, «Excavaciones de Las Cogotas — Cardenosa (Avila). I, El Castro», Madrid, 1930, p. 106.

(90) Vários documentos medievais se referem a espécies animais hoje extintas em Portugal, tais como o urso, mas que se mantiveram no nosso país até uma época relativamente próxima. Parece que ainda no fim do séc. XVI existiam ursos no Gerez. (Vidê «Elucidário», de Viterbo, vocábulos «condado», e «apeiro»; J. Leite de Vasconcelos, «Etnografia Portuguesa», Lisboa, vol. II (1936), p. 121, 122).

(91) Um dos detalhes que mais interessa fixar e estudar nas obras de fortificação dos castros é o das portas das muralhas, que por vezes apresentam engenhosos dispositivos para a sua defesa (vidê a nossa monografia «Citânia e Sabroso», Guimarães, 1938, p. 69; F. Cuevillas, *Puertas de castros gallegos*, in «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», Madrid, 1934, vol. II, p. 65; Ignacio Caivo, «Monte de Santa Tecla en Galicia», Madrid, 1924, p. 9; C. Schuchhardt, *Los romanos, imitadores en la construcción de muros y campamentos*, in «Investigación y Progreso», 1932, p. 87-88; *Catálogo dos castros gallegos*, Publ. do «Seminário de Estudos Galegos», Compostela, fasc. I, 1927, p. 24, fasc. II, 1928, p. 22, fasc. III, 1930, p. 14, e fasc. IV, 1931, p. 61).

(92) Vidê «Dispersos», p. 17. Ainda na Idade Média as coisas se passavam de modo idêntico. Em face de uma incursão súbita e inesperada do inimigo, o castelo da região lançava o alarme, ou *apelido*, por meio de sinais sonoros, ou ópticos (fogueiras, "almenaras,, etc.), e a população dos campos acorria a abrigar-se nas *cêrcas*, cuja defesa lhe competia auxiliar (vidê A. Botelho da Costa Veiga, «Questões históricas», Lisboa, 1937, vol. I, p. 56 e ss.).

(93) Para o estudo, quer comparativo, quer com intuitos de reconstituição, das casas dos nossos castros, é indispensável consultar, entre outras obras: Angel del Castillo, *Por las montañas de Galicia — Las casas del Cebreiro*, e *Origen y antigüedad de las "pallazas," del Cebreiro*, in «Boletín de la Real Academia Gallega», Corunha, 1913, ano VIII, p. 147, e 1914, ano IX, p. 241; Félix Alves Pereira, *Habitaciones castrejas do Norte de Portugal*, in «Estudos do Alto-Minho», Viana, 1914, fasc. XIV; V. Correia, *As "cabanas," da Assafarja*, in «Etnografia Artística Portuguesa», Barcelos, 1937, p. 73; Carl Schuchhardt, artigo *Wohnung — Pfahlbau, Haus, Burg*, a p. 53 do vol. «Alteuropa», Berlim, 1926 (2.ª ed.); Julian Lopez Garcia, «La Citania de Santa Tecla», La Guardia, 1927, p. 59 e ss.; B. F. von Richthofen, *Zum Stand der Arbeiten über neuzeitliche Kleinbauten vorgeschichtlich-mittelmeerländischer Art und die Urheimat der Hamiten*, in «Præhistorische Zeitschrift», 1932, t. XXIII, p. 45 (versão francesa in «Cahiers d'Histoire et d'Archéologie», Nîmes, 1935, 32.º cad.); do mesmo A., *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten der Pyrenænhalbinsel*, in «Hom. a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, p. 332 (versão francesa in «Cahiers d'Histoire et d'Archéologie», Nîmes, 1935, 33.º cad.); etc. Estes dois últimos e importantes artigos indicam uma larga e moderna bibliografia do assunto.

(94) Às casas com cobertura de palha, na Hispânia, já se referia Vitruvius, no seu tratado «De Architectura» (L. II, c. I).

(95) Na Citânia de Santa Tecla, na Galiza, coetânea da de Briteiros, só em duas casas se encontraram janelas.

(96) Vidê Félix Alves Pereira, *Os vestibulos das habitaciones citanienses*, in «Hom. a M. S.», Guimarães, 1933, p. 27.

(97) Acêrca das portas de casas rústicas, colocadas a determinada altura do solo e servidas por uma escada de madeira, disposição ainda em uso em certas regiões, veja-se o artigo de M. L. Wagner, *Ein altertümlicher Typus von "Kerbtreppe," in Sardinien*, a p. 276 da «Miscelânea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos», Coimbra, 1934, vol. I; e também o n.º 4888 de «L'Illustration», p. 290, Paris, 1936.

(98) Prisões de gado (vidê «Portugália», Pôrto, vol. II, p. 78).

(99) «Strabonis Geographica» (155 e ss.), versão de Müller, Paris, 1853, p. 128-29. O pre-historiador dos nossos dias, que, solidamente fundado na interpretação das antigas fontes literárias e na arqueologia, com maior poder de evocação tem reconstituído a

vida primitiva da Península Hispânica, é o Prof. Schulten, já citado. Torna-se essencial a leitura da sua magnífica síntese «Hispania» (Barcelona, 1920), e são também de grande auxílio, para consulta, os seus excertos dos clássicos greco-latinos, que se referem à Hispania, reunidos sob o título de «Fontes Hispaniae Antiquae» (Barcelona, fasc. I-1922, fasc. II-1925). Igualmente notável é a série das suas monografias sobre várias cidades ibéricas — Numância, Empóron, Termância, Mérida, Tartessos, Gades, Mainake, Cauca, etc., e algumas biografias célebres, como as de Marcial, Viriato e Sertório. Noutros AA. consagrados se encontram também elementos exaustivos para o conhecimento da Península Ibérica, tais como em: Ramon Mérida, Bonsor, Cartailhac, Siret, Breuil, Pierre Paris, Gomez Moreno, Déchelette, Carpenter, H. Sandars, Cagnat, Hübner, Obermaier, Bosch Gimpera, H. Hubert, Nils Aoberg, Wilke, Philippon, H. Schmidt, etc.

(100) Acêrca do armamento dos iberos, é fundamental a leitura de Horace Sandars, *The weapons of the Iberians*, in «Archaeologia», Oxford, 1913, vol. 64, p. 205 e ss.; P. Conissin, «Les armes romaines», Paris, 1926; e os magníficos estudos de Cabré Aguiló, Director do Museu Cerralbo, de Madrid, e Maria Cabré Herreros sobre a espada curta ou punhal ibérico.

(101) Sobre as religiões dos lusitanos, consulte-se a obra clássica do Prof. Leite de Vasconcelos, já várias vezes aqui citada, «Religiões da Lusitânia» (3 vol. — Lisboa, Impr. Nacional, 1897-1905-1913). Leia-se também in «Arquivos do Sem. de Est. Galegos» a magnífica síntese de F. Cuevilas e R. de Serpa Pinto, *Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Peninsula — A Relixião* (Compostela, 1933-34, vol. VI, p. 297 e ss.).

(102) As escavações da Citânia de Briteiros têm produzido, por vezes, no interior das habitações, bolota carbonizada. Em Sabroso também apareceu (vidê «Rev. de Guimarães», vol. 20, p. 6, 9, e vol. 26, p. 5).

(103) «Pão», não deve ser aqui tomado na acepção de pão cozido no forno, mas talvez sob a cinza quente da lareira, previamente envolta a massa em certas fôlhas vegetais (*panis subcineritius* ou *focatus*). Nos castros são poucas as folhas vegetais e abundantes as mãos manuais, mas muito raros os fornos de cozedura. Dêstes, só conhecemos vestígios na Citânia de Santa Tecla, na Galiza, à entrada de algumas habitações. E, mesmo essas pequenas construções quadrangulares, de pedra, seriam realmente fornos de cozer pão? (Vidê Julian López Garcia, «La Citania de S.ta Tecla», La Guardia, 1927, p. 61). Em algumas regiões do nosso país ainda os fornos rústicos são construídos de pedra, e não de tejos. Do pão de bolota fala igualmente Plínio («Nat. Hist.», XVI, VI, Ed. Didot, Paris, 1855). Com o abandono dos castros, e, por consequência, dos lugares menos favoráveis à agricultura, é natural que se desenvolvesse o cultivo dos cereais panificáveis, como o trigo, o centeio, a cevada (vidê Alberto Sampaio, *As villas do Norte de Portugal*, in «Estudos Históricos e Económicos», Pôrto, 1923, p. 102). Sobre as condições da vida económica dos habitantes dos castros, leia-se o trabalho de

F. Cuevillas, *Estudos sobre a idade do ferro no N.W. da Península — A vida económica*, in «Anais da Fac. de Ciências do Pôrto», Pôrto, 1938, tomo XIII.

(104) Nas escavações da Citânia de Briteiros apareceram, no interior de uma casa redonda, bancos de pedra dispostos em tóda a volta, encostados à parede.

(105) Supõe-se que a origem da moeda seja egípcia (vide F. W. von Bissing, *¿El dinero más antiguo?*, in «Investigación y Progreso», Madrid, 1930, p. 24). O Sr. Prof. Dr. M. Heleno diz-nos que a moeda, propriamente dita, foi criada pelos lídios, nos meados do séc. VII a. C.; consulte-se a bibliografia dada por este A., na sua Lição de abertura da Cadeira de Numismática — «Do estudo e origem da moeda», Lisboa, 1924.

(106) Para o estudo da arte ibérica, leiam-se: P. Paris, «Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive», 2 vol., Paris, 1903-04; Bosch-Gimpera, *Relaciones del arte ibérico y el griego*, in «Archivo de Prehistoria Levantina», 1929; Déchelette, «Manuel d'Archéologie»; W. Deonna, *La vie millénaire de quelques motifs décoratifs*, in «Genava», Genève, 1929, vol. VII, p. 167 e ss.; H. Breuil, *Les origines de l'art e Les origines de l'art décoratif*, in «Journal de Psychologie», Paris, 1925, p. 289, e 1926, p. 364; T. Leeds, «Celtic art in the British Isles down to 700 A. D.», Oxford, 1934; J. Romilly Allen, «Celtic Art in pagan and christian times», Londres, 1904; A. Garcia Bellido, *Relaciones entre el arte etrusco y el ibero*, in «Arch. Esp. de Arte y Arq.», 1931.

(107) Mendes Correia, «Os povos primitivos da Lusitânia», Pôrto, 1924, p. 316.

(108) Palavras do Prof. Bissaia Barreto, num discurso político pronunciado em Coimbra, em 15-2-1937: «Para ser nacionalista e defender o nacionalismo, definido com clareza em tantos documentos notáveis elaborados por Salazar, nunca tive necessidade de abdicar dos princípios republicanos que nortearam sempre, e norteiam hoje, a minha ideologia política. Os princípios de direito público, de economia, de colonização e de moralidade governativa, que têm servido de base a tóda a obra de reconstituição nacional, estão dentro das minhas aspirações políticas de sempre. Um poder forte num estado de sólida organização, um *contrôle* severo de tóda a vida política, não estão, nem nunca estiveram, em conflito com as liberdades individuais, bem compreendidas.»

(109) Do discurso proferido no Reichstag pelo Chanceler Hitler, em 30 de Janeiro de 1937, comemorando o 4.º aniversário do advento ao poder do nacional-socialismo, respigamos esta frase, que se adapta perfeitamente à nossa concepção dos limites reais da solidariedade humana: «A revolução nacional-socialista substituiu a concepção liberal do indivíduo e dos princípios marxistas da Humanidade, pela teoria do povo unido pelo sangue e pelo solo.»